

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.v4n15p156-169>

INTERESPAÇO

Revista de Geografia e Interdisciplinaridade

PLANEJAMENTO TURÍSTICO DO MONUMENTO NATURAL ESTADUAL MORRO DE SANTO ANTÔNIO, NO MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER-MT

TOURIST PLANNING OF THE STATE NATURAL MONUMENT MORRO DE SANTO ANTÔNIO, IN THE MUNICIPALITY OF SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER-MT

PLANIFICACIÓN TURÍSTICA DEL MONUMENTO NATURAL MORRO DE SANTO ANTÔNIO, EN EL MUNICIPIO DE SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER-MT

Giseli Dalla Nora

Doutora em Educação, Mestre e Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Professora do Departamento de Geografia da UFMT.
giseli.nora@gmail.com

Rodrigo Tsuyoshi Takata

Mestrando e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.
tsuyoshitakata@gmail.com

Recebido para avaliação em 25/06/2018; Aprovado para publicação em 29/08/2018.

RESUMO

O Monumento Natural Estadual Morro de Santo Antônio de Leverger (MNEMSAL), localizado no município de Santo Antônio de Leverger-MT, faz parte da história do estado e é visitado frequentemente pela população local. Sua história está diretamente ligada ao mito de origem do povo indígena Bororós. Entretanto, é impactado com as atividades realizadas na área, bem como com a falta de investimento e infraestrutura. O presente artigo tem como objetivo apontar as potencialidades e atrativos da área de estudo, com sugestões de diretrizes para o desenvolvimento do turismo local, por meio da análise do espaço geográfico. Assim, identificou-se a necessidade de realizar algumas obras de infraestrutura para que o turismo, que acontece neste patrimônio, não seja nocivo ao ambiente. Portanto, implantar fiscalização no ambiente, controlar o número de visitantes, executar obras de controle de processos erosivos, e de diminuição do impacto de visitação, são algumas das propostas apresentadas neste texto, contribuindo para o fortalecimento do desenvolvimento do turismo como componente e alternativa econômica.

Palavras-chave: Turismo; Planejamento; Morro de Santo Antônio.

ABSTRACT

The State Natural Monument Morro de Santo Antonio do Leverger (MNEMSAL), located in the municipality of Santo Antônio do Leverger-MT is part of the history of the state and is often visited by local people. Its history is directly linked to the origin myth of Bororós indigenous peoples, however it suffers from the activities in the area as well as the lack of investment and infrastructure. This article aims to evaluate the potential and attractiveness of the study area with guidelines suggestions for the development of local tourism, through the analysis of geographical space. Thus, it identified the need for some infrastructure projects for tourism, which takes place this heritage, is not harmful to the environment, therefore deploy monitoring the environment, control the number of visitors as well as perform erosion control works well as decreased visitation impact are some of

the proposals presented in this text. Contributing to the strengthening of tourism development as a component and economical alternative.

Keywords: Tourism; Planning; Morro Santo Antônio.

RESUMEN

El monumento natural estado Morro de Santo Antônio de Leverger (MNEMSAL), localizado en el municipio de Santo Antônio de Leverger – MT, es parte de la historia del estado y es visitado frecuentemente por la población local. Su historia está directamente vinculada al mito del origen del pueblo indígena Bororos. Sin embargo, sufre con las actividades realizadas en el área, con la falta de inversión e infraestructura. El presente artículo tiene como objetivo evaluar el potencial de los atractivos del área de estudio, con sugerencias de directrices para el desarrollo del turismo local, por medio del análisis del espacio geográfico. Así, se identificó la necesidad de realizar algunas obras de infraestructuras para que el turismo, que acontece en este sitio, no sea perjudicial al ambiente. Por lo tanto, desarrollar estudios de impacto ambiental, controlar el número de visitantes, bien como ejecutar obras de control de procesos erosivos, así como de disminución del impacto de visitas, son algunas de las propuestas presentadas en este texto, contribuyendo al fortalecimiento del desarrollo del turismo como alternativa económica.

Palabras clave: Turismo; Planificación; Morro de Santo Antônio.

CENÁRIOS INICIAIS DA TRILHA (INTRODUÇÃO)

O Turismo se configura hoje como uma importante atividade econômica do Setor Terciário da Economia, mas entendemos que o turismo por si só não consegue sustentar a economia de dada região. Entretanto, auxilia na diversificação econômica, bem como na sustentabilidade ambiental, econômica e social.

Segundo o World Travel & Tourism Council (2012), em 2011, o setor do turismo brasileiro ocupava a 45ª posição, entre os países, em geração de renda. Já o Plano Nacional de Turismo 2013-2016, ciente das potencialidades do país, apresenta, como visão de futuro, a pretensão de posicionar o Brasil como uma das três maiores economias turísticas do mundo, até 2022 (BRASIL, 2013). Porém, para alcançar esta meta será preciso planejar e implementar um conjunto de políticas públicas e ações, em um esforço para concretizar o potencial turístico do país.

De acordo com o Plano Aquarela 2020 – Marketing Turístico Internacional do Brasil (BRASIL, 2008), o turismo é a atividade econômica do Setor Terciário que mais cresce no mundo, numa taxa de crescimento anual de cerca de 4%, sendo a multiplicidade de paisagens e manifestações culturais a principal motivação de viagem para o Brasil.

Entre estas motivações, o estado do Mato Grosso se destaca por possuir em seus limites territoriais paisagens que compõem o Pantanal, o Cerrado e a Amazônia, biomas ricos em biodiversidade e em potencialidades turísticas.

Assim, nos arredores da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá encontra-se um potencial turístico relevante: o Monumento Natural Estadual Morro de Santo Antônio de Leverger (MNEMSAL) (Figura 1), objeto desse estudo, que foi criado pela Lei N° 8.504 de 09 de junho de 2006. Esta Unidade de Conservação (UC) abrange uma área de 2,58 km² e está localizada no Município de Santo Antônio do Leverger, a aproximadamente 35 quilômetros da capital mato-grossense.



Figura 1 – Morro de Santo Antônio. Fonte: Wikimapia (2016).

Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo apontar as potencialidades e atrativos da área de estudo, com sugestões de diretrizes para o desenvolvimento do turismo local. E, por meio de uma pesquisa exploratória, identificar potencialidades e fragilidades no Monumento Natural Estadual Morro de Santo Antônio de Leverger (MNEMSAL).

O TRILHAR

Área de Estudo

O local

O Monumento Natural Estadual Morro de Santo Antônio localiza-se a de 34 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá, à margem direita da MT-040 (Rod. Palmiro Paes de Barros) (Figura 2) no município de Santo Antônio de Leverger. Abrange uma área aproximada de 258 ha e é tombado como patrimônio histórico pela Lei estadual n° 7.381/00.

Por meio da Lei nº 8.504 de junho de 2006 criou-se a Unidade de Conservação Estadual que compõe o entorno do morro, sob fiscalização da Secretaria de Meio Ambiente (SEMA).

O Morro de Santo Antônio faz parte da história do Mato Grosso desde a época dos Bandeirantes, pois servia de referência para chegar a Cuiabá. No período da guerra com o Paraguai era do seu topo que os brasileiros vigiavam o rio Cuiabá para alertar sobre uma possível invasão da tropa paraguaia. Recentemente foi tombado como Patrimônio Paisagístico, Histórico e Cultural do estado do Mato Grosso. Em seu Art. 1º estabelece que

fica criado o ‘Monumento Natural Estadual Morro de Santo Antônio’, unidade de conservação pertencente ao Grupo de Proteção Integral, localizado no Município de Santo Antônio de Leverger, Estado de Mato Grosso, que tem como objetivo básico a preservação de sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica.

E no parágrafo único Art. 3º: “O plano de manejo deverá prever: a) centro de atendimento ao turista; b) trilhas interpretativas e autoguiadas e c) espaço sociocultural para desenvolvimento de ações de educação ambiental, ecoturismo e de exposição de artesanatos regionais”.

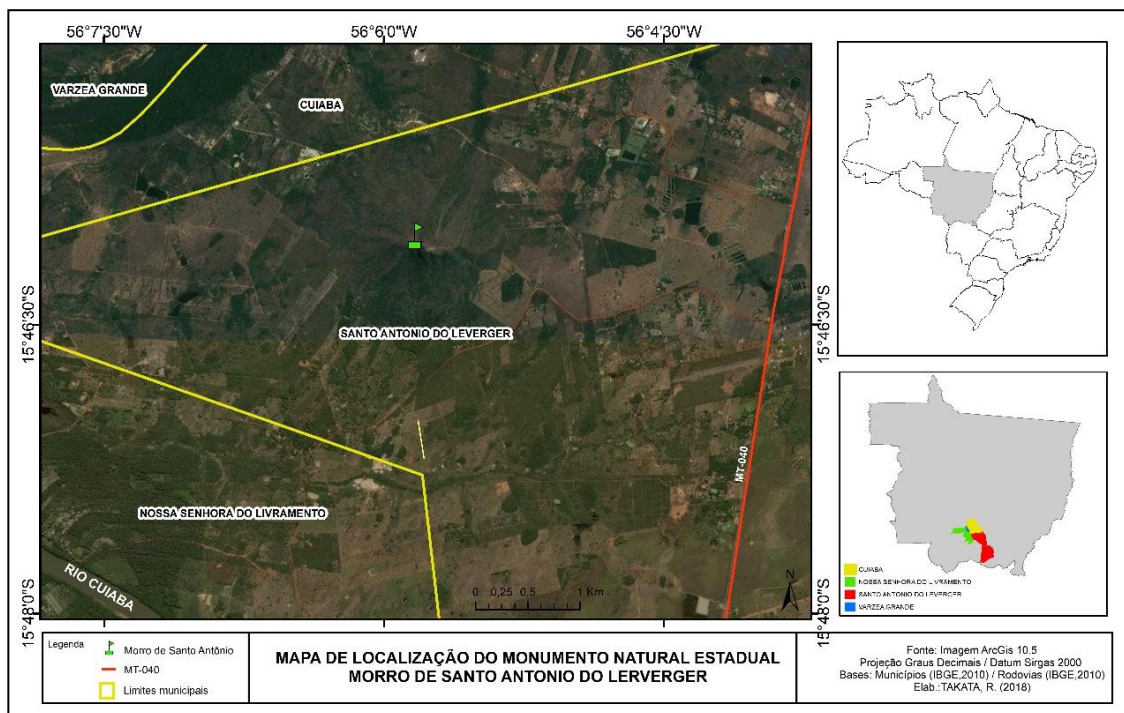


Figura 2 – Localização do Monumento Natural Estadual Morro de Santo Antônio de Leverger.

Cultura

O Morro de Santo Antônio, conhecido pelos povos indígenas Bororos como "Toroari" ou "Aturuari", tem grande valor espiritual. Segundo o mito Bororo, "Aroe Jakomea Pó" (Águas do Espírito Jakomea), "Toroari", ou Morro de Santo Antônio é o local onde "Meriri Poro" (indivíduo bororo) escalou após dar flechada no "Aroe Jakomea" e logo depois as águas do rio onde o espírito estava subiram, causando uma grande enchente. Para o Povo Bororo, um local sagrado e de mística, uma nova gênese quando este povo começa a povoar novamente estas paragens. "Bakaru" são "leis" originárias Bororo, normas de conduta e explicações de fenômenos e mistérios, legado deixado para o Povo Bororo por "Bakororo" e pelos grandes chefes. "Bakororo" é o chefe máximo do lugar dos mortos, situado a "Meri Butu" (oeste). "Itubore" é o grande chefe situado a "Meri Rutu" (leste) (ADUGOENAU, 2013).

Além de o morro estar presente na cultura indígena, ele é símbolo da cuiabana e se faz presente em obras de artistas, poetas. Muitos artistas plásticos e pintores o utilizam em sua simbologia, a exemplo da obra de João Sebastião, Gervane de Paula, Têlio Fernandes, Imara Quadros, entre tantos outros.



Figura 3 – Obra do Artista João Sebastião. Fonte: João Sebastião (2015).



Figura 4 – Obra de Gervane de Paula. Fonte: Gervane de Paula (2015).

Aspectos Físicos

Litoestratigrafia

O Morro de Santo Antônio, morro do testemunho resultante da erosão diferencial de rochas do Grupo Cuiabá, que conforme Almeida (1964) definiu como sendo um “monadnock” ou “inselberg”, constituído de quartzitos e filitos, cujas camadas possuem direção NE-SW, com mergulho variando de 40° a 45° rumo NW. Suas vertentes apresentam caimento de forma abrupta e escarpada, especialmente para o sul e mais suave na direção norte. A crista do morro é constituída basicamente de quartzitos.

Solo

Quanto ao solo da área, a EMBRAPA (2013) identificou como Neossolos litólicos cascalhentos, textura média fortemente ondulada e cambissolos distróficos. Na base do Morro predominam solos concrecionários distróficos e, diante da composição dos solos, a área se enquadra na classe: alto grau de restrição de uso. Portanto, inapropriada à prática da agricultura.

Clima

O clima da região em que a Unidade de Conservação está inserida caracteriza-se por ser quente e úmido, com duas estações bem definidas: uma chuvosa (outubro a março), chovendo cerca de 60 dias dentro deste período; e outra seca (abril a setembro), que coincide com parte do outono e o inverno (TARIFA, 2011).

As precipitações médias anuais registram em torno de 2000 mm e as temperaturas médias são altas e regulares durante o ano, com médias anuais de 23°C a 25°C, havendo um declínio pouco sensível nos meses de julho e agosto, conhecido como fenômeno da friagem.

Vegetação

O Morro está inserido no Bioma Cerrado, apresentando-se em suas distintas fisionomias, como Cerrado propriamente dito, Campo Cerrado, Cerradão e Mata de Galeria (GUARIM, 2000).

Nas grotas, que são as aberturas formadas pelas enchentes nas ribanceiras, forma-se a mata de galeria. Nas escarpas ou vertentes, a mata de encosta e, à medida que sobe o morro, a composição florística vai tornando-se mais rala, como os campos cerrados (GUARIM, 2000).

A área ao Sul do morro encontra-se mais conservada quando comparada à encosta Norte, que já se encontra bastante descaracterizada devido ao uso e ocupação da área.

As espécies predominantes na região são o angico (*Anadenanthera sp.*), cambará (*Gochnatia polymorpha*), novateiro (*Triplaris brasiliana*), figueira branca (*Ficus guaranitica*), cumbaru (*Dipteryx alata*), chico magro (*Guazuma ulmifolia*), entre outras (GUARIM, V., 2000). Outra característica do Cerrado é a predominância de arbustos de gramíneas que fazem parte da paisagem.

Fauna

Na região do Morro de Santo Antônio, o RADAM (1981) registra a ocorrência de cachorro do mato (*Cerdocyon thous*), raposa do campo (*Pseudalopex vetulus*), furão (*Mustela putorius furo*), quati (*Nasua nasua*), mão pelada (*Procyon cancrivorus*), tatu peludo (*Euphractus sexcinctus*), tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*), macaco da noite (*Aotus trivirgatus*), preás (*Cavia aperea*), cutia (*Dasyprocta aguti*), entre outras.

Quanto à avifauna, registrou-se a existência de algumas espécies de beija-flor, curiango (*Nyctidromus albicollis*), alma de gato (*Piaya cayana*), anu branco (*Guira guira*), pássaro preto (*Molothrus bonariensis*), urubu de cabeça vermelha (*Cathartes aura*), urubu de cabeça preta (*Coragyps atratus*), urubu-rei (*Sarcobampus papa*), seriema (*Cariama cristata*), sanhaço (*Thraupis sayaca*), japu (*Psarocolius decumanus*), japuira (*Cacicus cela*), sabiá poca (*Turdus amaurochalinus*) e bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) (RADAM, 1981, p. 487).

Entretanto está cada vez mais raro avistar estes animais, em virtude dos processos de desmatamento e queimadas, diminuindo os espaços de vegetação nativa e habitats, haja vista o crescente aumento da lista vermelha das espécies em extinção.

CONCEITOS QUE AJUDAM A PENSAR A TRILHA E INTERPRETAR A PAISAGEM

O lazer, como necessidade de uma sociedade sobrecarregada e frenética, é necessário para a qualidade de vida, bem como busca o equilíbrio e gera novas fontes econômicas. O turismo é uma das formas de lazer, procurando organizar e planejar o tempo livre da sociedade. O turismo em cada região exige novos modelos de espaços, que correspondem aos novos tipos de relações no nível humano, além de contribuir para a

circulação de capital, melhoria econômica de uma região e o consumo dos lugares e do meio ambiente.

Para Mata (2004, p. 22), citando Ramos (1996), “o planejamento representa um ótimo veículo de análise dessa interdependência e para a compatibilização dos interesses em questão”.

Mata (2004, p. 22), citando Bissoli (1999), descreve que “o planejamento turístico municipal é necessário para o melhor uso dos potenciais turísticos, onde o planejamento se baseia em sistemas de informações capazes de identificar atrativos, potenciais, suas caracterizações e assim seu melhor uso, através de dados precisos”. Assim, apoiados em Boullón entende-se que

o planejamento físico é uma técnica que pertence às categorias experimentais do conhecimento científico. Sua finalidade é o ordenamento das ações do homem sobre o território, ocupa-se em resolver harmoniosamente a construção de todo tipo de coisas, bem como de antecipar o efeito da exploração dos recursos naturais (BOULLÓN, 2002, p. 72).

Por mais que entendemos que a natureza é utilizada como “recurso”, não compartilhamos desta ideia, devido ao fato que o ambiente natural não está disponível ao ser humano, e sim a todos os seres vivos do planeta. Mesmo que muitos pensem que a natureza é para ser transformada, seu uso deve ser racional.

O planejamento físico originou-se, como uma tentativa de dar uma resposta racional à necessidade de resolver os problemas criados pelo uso anárquico do solo, a partir do momento em que a expansão da humanidade, em termos quantitativos, trouxe como consequência a competição pelo espaço nas áreas de terra em explorações e o avanço rumo à conquista de outras partes incultas (BOULLÓN, 2002, p. 72).

Estudar os fenômenos ligados ao turismo nos dá a noção de como esta atividade interfere no dia a dia das populações locais e como elas podem contribuir ou não para o desenvolvimento regional, ativação da economia local, bem como o seu fortalecimento.

Boullón (2002, p. 37) diz que “em torno das viagens feitas como uma forma de aproveitar o tempo livre gerou-se um importante número de atividades, que como muitas outras, não foram previamente programadas”.

O desenvolvimento do turismo está muito ligado com as vontades pessoais e o tempo livre consequente do trabalho habitual, sendo este uma forma de sair da rotina e muitas vezes uma forma de amenizar os impactos que as atividades da sociedade atual tem causado.

Na economia moderna, entende-se por infraestrutura a disponibilidade de bens e serviços com que conta um país para sustentar suas estruturas sociais e produtivas. Fazem parte da mesma, a educação, os serviços de saúde, a moradia, os transportes, a comunicação e a energia (BOULLÓN, 2002, p. 58).

Seu campo de ação é toda superfície da Terra, seu objetivo é a organização do espaço e sua função é a de aperfeiçoar o uso atual, procurando fazer com que não entre em crise pelo esgotamento prematuro dos recursos não-renováveis e pela exploração irracional dos renováveis. Em outro plano de ação, deve determinar a potencialidade de adaptação do solo, mediante a medição de sua capacidade de absorver a expansão dos sistemas produtivos atuais, provocada pela multiplicação de necessidades criadas pelo mundo moderno (idem, p. 72).

A preocupação com os recursos envolvidos nesse processo (os recursos naturais e humanos) perde sua importância, ao passo que cada setor da economia se desenvolve mais do que o turismo, fazendo com que este, forçado pelo atual modo de produção que visa lucro acima de tudo, explore cada vez mais os recursos existentes, causando problemas socioambientais.

A infraestrutura que esta atividade precisa não está ligada apenas a hotéis e restaurantes de luxo para acomodar os visitantes mais requintados, mas sim um programa sustentável que satisfaça a demanda atual. Ignarra (1999, p. 62) em seu livro afirma que:

O planejamento consiste na definição dos objetivos, na ordenação dos recursos naturais e humanos, na determinação dos métodos e formas de organização, no estabelecimento das medidas de tempo, quantidade e qualidade, na localização espacial das atividades e outras especificações necessárias para canalizar racionalmente a conduta de uma pessoa ou grupo.

O planejamento turístico compreende várias etapas: diagnóstico, prognóstico, estabelecimento de objetivos e metas, definição dos meios de se atingir os objetivos, implantação do plano e acompanhamento dos resultados.

Para Ruschmann (1997), é importante o desenvolvimento do turismo em áreas naturais, conforme elencados a seguir:

- a) desenvolver o turismo em regiões rurais e naturais, principalmente fora dos grandes centros urbanos, podendo ser desenvolvido em espaços naturais protegidos tais como parques nacionais e naturais;
- b) subsidiar o desenvolvimento das precárias economias rurais;
- c) a oferta turística é de baixo impacto ambiental, porém deve existir uma preocupação adicional com a natureza e com a população local;
- d) os atrativos turísticos não se concentram todos no mesmo local;
- e) o ecoturismo auxilia na descoberta da realidade envolvente, tanto a cultural como a natural, sendo muito comum o desenvolvimento de atividades lúdicas e educativo-culturais.

Geomorfologia para o Planejamento Turístico

Os estudos da Geomorfologia contribuem especialmente no levantamento das potencialidades e limitações das áreas com potencial turístico, “na medida em que procura compreender os processos formadores do relevo, bem como a sua dinâmica externa, que pode ser afetada, em virtude do tipo de ocupação a que uma determinada parte do território possa estar sendo exposta” (GUERRA; MARÇAL, 2006, p. 43). Esta ocupação pode ser entendida como a visitação turística a áreas com paisagens de beleza cênica, com formações rochosas e/ou relevo destacado que se configuram em atributos (eco) turísticos potenciais.

A Geomorfologia pode ajudar no aproveitamento máximo das belezas naturais. Esta ciência estuda uma diversidade de ambientes, desenvolvendo teorias e modelos para diagnosticar e, principalmente, prever impactos nas diversas paisagens.

As feições geomorfológicas sempre estiveram presentes em destinos turísticos. Porém, apenas nos últimos anos do século XX, com o desenvolvimento do geoturismo, esse segmento vem alcançando importância no cenário turístico mundial, nacional e também no meio científico (BRASIL, 2008).

Entretanto, existem limitações à atividade turística, principalmente se as associarmos aos impactos que podem ser provocados, ou mesmo às características físicas da localidade que podem dificultar a visitação.

O geoturismo compreende o segmento do turismo que tem na geodiversidade seu atrativo, sendo composto pela descrição de monumentos naturais, parques geológicos, afloramentos rochosos, cachoeiras, cavernas, sítios fossilíferos, paisagens, fontes termais, minas desativadas e outros pontos ou sítios de interesse geológico (BRASIL, 2008).

Além da apreciação das formas de relevo, o turista conhece os processos que modelam a superfície terrestre. Assim, há o entendimento da relação “forma-processo” que é importante na geomorfologia e, por extensão, no geoturismo. De acordo com Schobbenhaus e Silva (2012), o geoturismo envolve turistas observando as paisagens naturais, as formas de relevo e as rochas, bem como os processos que as moldaram ao longo do tempo geológico.

Moreira (2008) afirma que o “geoturismo não pode ser considerado um subsegmento do ecoturismo, mas sim uma nova modalidade de turismo praticado em áreas naturais, ou seja, uma segmentação turística baseada não apenas na contemplação, mas principalmente no entendimento dos locais visitados”. Entretanto, a paisagem é sempre a responsável majoritária por atrair o turista e as classificações e estudos ficam a cargo dos pesquisadores que se propõem a auxiliar no planejamento destas atividades.

TURISMO COMO AGENTE DE DESENVOLVIMENTO LOCAL E DE BASE COMUNITÁRIA: guias e condutores no processo

Com a introdução da infraestrutura para que haja a possibilidade de receber turistas, preveem-se mudanças socioeconômicas vinculadas às atividades do turismo, que possibilitam a inclusão social de parte das comunidades tradicionais, onde os membros das famílias trabalham em atividades de recepção ao turista, guias, restaurantes e venda do artesanato local.

No planejamento turístico para o MNEMSAL propõe-se uma participação efetiva da comunidade local para um desenvolvimento mútuo, trazendo benefícios tanto para a comunidade local como para o turista. Como a capacitação de jovens e adultos da comunidade para que se tornem condutores de turismo; implantar um restaurante de comidas típicas onde os moradores da comunidade possam cozinhar e vender o artesanato local em loja de artesanatos; outra possibilidade também é a de implantar salas de memórias da comunidade ou centros de interpretação ambiental que auxiliem o visitante no entendimento da importância do patrimônio apresentado e na necessidade de sua preservação.

Proposta de Infraestrutura Turística

De acordo com o Ministério do Turismo, quanto maior a diversidade do patrimônio natural, maiores serão as possibilidades de se criar produtos diferenciados, com mais opções e atividades (BRASIL, 2010) e favorecer a permanência do turista na região. Assim, algumas áreas do Morro de Santo Antônio são consideradas de alto risco devido a sua declividade e devem ser monitoradas durante o processo de implementação de obras de acessibilidade, por parte dos órgãos públicos, seguindo procedimentos técnicos que deverão garantir, não somente a proteção do ambiente natural, mas, também, a segurança do visitante/turista. Como principais proposições destacam-se:

- ✓ executar obras de proteção (contenção) das encostas erodidas, visando evitar a ocorrência de processos de movimentos de massa;
- ✓ avaliar a capacidade de carga, com base nas características apresentadas pelo monumento a ser visitado;
- ✓ manter uma fiscalização constante, particularmente nos períodos de alta visitação, no sentido de controlar capacidade de carga;

- ✓ em situações de chuvas intensas, principalmente no verão (período da tarde), suspender a visitação, como medida de segurança ao visitante.

Como diretrizes para implantação da infraestrutura sugerem-se:

- ✓ implantação de obras de contenção e sinalização nas trilhas já existentes (Figura 2) que permitam uma maior acessibilidade, como pequenas escadas de madeiras que também minimizam o impacto ambiental negativo;
- ✓ construção de um Centro de Recepção ao Turista, onde haverá informações sobre a história do MNEMSAL, suas características físicas, cultura, relações com povos indígenas, aberto a receber as escolas e comunidade local para educação ambiental;
- ✓ pessoas capacitadas estarão recepcionando e informando o turista a respeito das atividades a serem realizadas no local;
- ✓ implantação de uma área de camping para pernoite dos turistas que optarem em fazer as trilhas no período da manhã;
- ✓ empresas que façam o traslado dos turistas de Cuiabá ao atrativo turístico;
- ✓ construção de lanchonetes e restaurantes, onde através do resgate da cultura da comunidade local, seria divulgada a culinária tradicional local.



Figura 5 – Trilhas já mapeadas no Morro Santo Antônio. Fonte: SEMA (2013).

NO FINAL DA TRILHA, O PÔR DO SOL NO MORRO (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Para pensar o turismo em uma perspectiva da Geografia, devemos considerar as reflexões acerca do “consumo do espaço”, da “apropriação dos lugares”, das “vivências e experiências” dos turistas. O espaço, sendo uma das categorias de análise da Geografia, configura-se como o principal campo de apropriação da atividade turística. Com o olhar do geógrafo sob a perspectiva do planejamento turístico, há um beneficiamento quanto ao maximizar as potencialidades do espaço geográfico.

O planejamento turístico tem como objetivo a organização do espaço geográfico com intenção de minimizar os impactos ambientais negativos e desenvolver a prática do turismo como atividade econômica juntamente com a comunidade local, buscando o equilíbrio entre a sociedade e natureza com o desenvolvimento socioeconômico. Partindo do processo de transformação de um determinado espaço em território turístico onde é necessário a readequação desse espaço a uma nova funcionalização.

As informações levantadas aqui dão subsídio para um planejamento turístico de fato eficaz com o intuito de inserir o turista na realidade dos moradores locais para que se apropriem dos elementos culturais e paisagens cênicas, a fim de satisfazer seus desejos e anseios, criando relações de troca de experiências para o desenvolvimento local, beneficiando ambos.

REFERÊNCIAS

ADUGOENAU, F. R. Tributo ao povo Bororo. **Blog do Félix**, nov. 2013. Disponível em: <<http://felixadugo.blogspot.com.br/2013/11/blog-do-felix-tributo-ao-povo-bororo.html>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

ALMEIDA, F. F. M. de. **Glaciação Eocambriana em Mato Grosso**. Notas Preliminares e Estudos da Divisão de Geologia e Mineralogia. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Mineral-DNPM, SERGRAF do IBGE, n. 117, 1964. p. 1-11.

ANSARAH, M. G. dos R. (Org.). **Turismo**. Como aprender, como ensinar. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

ARAÚJO, E. L. S. **Geoturismo**: conceptualização, implementação e exemplo de aplicação ao vale do rio Douro no sector Porto-Pinhão. 2005. 219f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Escola de Ciências, Universidade de Minho, Minho, 2005.

BRASIL. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. **Geodiversidade do Brasil**. Brasília: Serviço Geológico do Brasil, 2008. 266 p.

BRILHA, J. **Patrimônio geológico e geoconservação**: a conservação da natureza na sua vertente geológica. Braga: Palimage, 2005. 190 p.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultura**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

COSTA, N. M. C. da; COSTA, V. C. Impactos do Ecoturismo sobre o meio ambiente e sobre a qualidade e vida das populações. In: **Turismo e Meio Ambiente, aula 10**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ – Consórcio CEDERJ, 2008. p. 205-222.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003. 125p.

GUARIM, V. L. M.S et. al. Inventory of a Mesotrophic Callisthene Cerradão in the Pantanal of Mato Grosso, Brazil. **Edinburg Journal of Botany**, v. 3, p. 429-436, 2000.

GUERRA, A. J. T.; MARÇAL, M. dos S. (Org.). **Geomorfologia ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LACOSTE, Y. **A Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 1985.

MOREIRA, M. L. C; VASCONCELOS, T. N. N. **Mato Grosso**: solos e paisagens. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2007.

PIRES, P. dos S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2003. 269 p.

RADAMBRASIL. **Levantamento de Recursos Naturais. Folha SD 21**, Cuiabá. v. 26. Brasília: MME/SG, 1982.

RUSCHMANN, D. van de M. **Turismo e Planejamento Sustentável**: a proteção do meio ambiente. São Paulo: Papirus, 1997.

TARIFA, J. R. **Mato Grosso**: Clima: Análise e Representação Cartográfica. Cuiabá, MT: Ed. Entrelinhas, 2011.

VERA, J. F.; PALOMEQUE, F. L.; MARCHENA, M. J.; ANTON, S. **Análisis territorial del turismo**: una nueva geografía del turismo. Barcelona: Ariel, 1997.

SWARBROOKE, J. **Turismo Sustentável**: conceitos e impacto ambiental. São Paulo: Aleph, 2000.

_____. Ministério do Turismo. **Plano Nacional do Turismo 2013-2016**: o turismo fazendo muito mais pelo Brasil. Brasília: MT, 2010. 57p. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

WORLD TRAVEL AND TOURISM COUNCIL. **Travel and Tourism Economic Impact 2012 Brazil**. London, United Kingdom, 2012.